

NAS ONDAS DO TRABALHO: UM OLHAR DAS EXPERIÊNCIAS NO COTIDIANO DAS MULHERES VENDEDORAS AMBULANTES NO LITORAL

RIDING THE WAVES OF WORK: AN INSIGHT INTO THE EVERYDAY EXPERIENCES OF FEMALE STREET VENDORS ON THE COAST

Braz Isac Andrade Santos¹
Juliana Aparecida de Oliveira Camilo²

Resumo: Este estudo teve como objetivo investigar as práticas laborais das mulheres trabalhadoras ambulantes no litoral do subúrbio de Salvador, utilizando uma abordagem construcionista ancorada na teoria atriz-rede. A metodologia adotada incluiu observações no cotidiano de trabalho dessas mulheres, nesse sentido, foi feito o uso do diário de campo para o registro de informações produzidas no campo-tema. As informações produzidas envolveram as condições precárias de trabalho, jornadas exaustivas e desigualdades sociais presentes nesse contexto. Além disso, a presença de crianças, adolescentes e idosos nas atividades laborais foi observada, destacando a necessidade de medidas para proteger seus direitos e bem-estar. Os desafios enfrentados durante o estudo incluíram a recusa de algumas participantes em compartilhar suas experiências e a complexidade das interações no campo de pesquisa. Precisa-se desenvolver e implementar políticas e ações que melhorem as condições de trabalho e que promovam a igualdade de gênero no setor informal.

Palavras-chave: Trabalhadoras ambulantes; Condições de trabalho; Gênero; Desigualdades sociais; Setor informal.

Abstract: This study aimed to investigate the work practices of female street vendors on the suburban coast of Salvador, utilizing a constructionist approach anchored in actor-network theory. The methodology included observations of these women's everyday work, with the use of field journals for recording information generated in the field. The produced information encompassed the precarious working conditions, exhausting work hours, and social inequalities present in this context. Additionally, the presence of children, adolescents, and elderly individuals in the labor activities was noted, highlighting the need for measures to protect their rights and well-being. Challenges faced during the study included some participants' refusal to share their experiences and the complexity of interactions in the research field. There is a need to develop and implement policies and actions that improve working conditions and promote gender equality in the informal sector.

Keywords: Street vendors; Working conditions; Gender; Social inequalities; Informal sector.

Data de submissão: 06.04.2024

Data de aprovação: 27.05.2024

¹ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia - PPGPSI UFBA. E-mail: brazisac@outlook.com.

² Professora do Instituto de Psicologia da Universidade Federal da Bahia (UFBA). E-mail: julianacamilo@ufba.br.

Identificação e disponibilidade:

(<https://revista.univap.br/index.php/revistaunivap/article/view/4565>,
<http://dx.doi.org/10.18066/revistaunivap.v30i66.4565>).

1. INTRODUÇÃO

A discussão sobre o trabalho no setor informal e suas interseções com gênero tem se tornado cada vez mais relevante e essencial nas áreas de estudos de gênero e trabalho. Segundo Christiane Horwood et al. (2021; 2020), com o aumento da feminização do trabalho e a prevalência de condições precárias e flexíveis no contexto neoliberal, as mulheres desempenham um papel significativo no mercado de trabalho informal. Esse fenômeno desafia as estruturas tradicionais de emprego e exige uma análise aprofundada das complexas relações entre gênero, trabalho e desenvolvimento.

As atuais condições de trabalho colocam a maternidade como um fator impulsionador do declínio do trabalho formal e da ampliação da atuação feminina no mercado de trabalho informal, como apontado por Inés Berniell et al. (2021) e Júlia Schmieder (2021). Embora o setor informal proporciona acesso ao trabalho para a população desempregada, ele é um modelo de produção que muitas vezes só possibilita a manutenção da vida, e nem sempre é garantida. As condições de trabalho são péssimas, com jornadas exaustivas e sem garantias de remuneração adequada, como destacado pela Organização Internacional do Trabalho ([OIT], 2018), por Ferreira et al. (2022), Gabriele Carneiro et al. (2016) e Nogueira e Carvalho (2021).

Conforme apontado por Leny Sato (2013), esses trabalhos são criados, cotidianamente, pelas próprias pessoas para garantir sua sobrevivência, muitas vezes fazendo sentido somente naquele contexto específico. Em alguns casos, o litoral tem se tornado um campo de atuação mais acessível para parte da população trabalhadora brasileira que vive nessa região, como nas pesquisas de Patrícia Silva (2020; 2019).

A maternidade e a dupla (ou múltiplas) jornada são temas centrais quando se discute a relação entre gênero, trabalho e desenvolvimento sustentável. Essas discussões são fundamentais para compreender as desigualdades e vulnerabilidades enfrentadas pelas mulheres que trabalham no setor informal, alinhando-se aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) 5 (Igualdade de Gênero) e 8 (Trabalho Decente e Crescimento Econômico), como definidos pela Organização das Nações Unidas ([ONU], 2015). A maternidade muitas vezes é vista como um obstáculo para as mulheres no mercado de trabalho, especialmente na esfera informal, onde a falta de direitos trabalhistas e a precariedade das condições laborais tornam ainda mais desafiadora a conciliação entre o cuidado das filhas/os e a busca por sustento.

Nesse contexto, os ODS 5 e 8 são fundamentais para promover a igualdade de gênero e o trabalho decente no setor informal. O ODS 5 busca eliminar as formas de discriminação contra as mulheres e garantir sua participação plena e efetiva em todos os níveis de tomada de decisão. Isso implica na necessidade de políticas que promovam a igualdade de oportunidades e tratamento equitativo no mercado de trabalho, bem como o acesso a serviços de cuidado infantil de qualidade (ONU, 2015).

Por sua vez, o ODS 8 busca promover o crescimento econômico sustentado, inclusivo e sustentável, o emprego pleno e produtivo e o trabalho decente para todas/os. Isso inclui a promoção de condições de trabalho justas e seguras, bem como a proteção dos direitos trabalhistas e a erradicação do trabalho precário e exploração (ONU, 2015).

Portanto, é crucial direcionar esforços e políticas que promovam a igualdade de gênero, o trabalho decente e o desenvolvimento sustentável, contribuindo assim para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa. Nesse caminho, a Psicologia Social do Trabalho (PST), uma das áreas da psicologia, pode desempenhar um papel fundamental no estudo e compreensão das dinâmicas sociais e psicológicas relacionadas ao trabalho, como descrevem Maria Coutinho et al. (2018), incluindo a questão da maternidade, relações de gênero e suas intersecções.

Tendo como foco a compreensão das práticas e interações sociais, há o encontro da PST com a epistemologia do construcionismo social adotada neste trabalho. Entendemos que a realidade não é algo fixo ou objetivo, mas sim uma construção social que é negociada e compartilhada entre os indivíduos (Rasera & Japur, 2005). Dessa forma, as vendedoras ambulantes são consideradas atrizes sociais que constroem e são construídas pelo contexto do trabalho e pelas interações sociais (Tureta & Alcadipani, 2009). Essa abordagem possibilita uma compreensão mais contextualizada e sensível às complexidades das experiências das vendedoras, valorizando suas perspectivas e narrativas.

Durante as observações realizadas no litoral do subúrbio de Salvador, foram analisados diversos aspectos relacionados às mulheres trabalhadoras ambulantes, incluindo as práticas laborais, a organização do trabalho, as relações sociais e as condições enfrentadas por elas. Além disso, o presente artigo emerge como uma oportunidade de compreender os desafios enfrentados pelo pesquisador ao estabelecer contato com as participantes e realizar a pesquisa. Durante o estudo, foi observado que algumas das participantes manifestaram recusa em participar das conversas e dos acompanhamentos propostos.

Assim, este artigo tem como objetivo descrever as práticas e condições de trabalho das mulheres trabalhadoras ambulantes no litoral do subúrbio de Salvador, Bahia. Propomos uma reflexão que visa aproximar a PST do contexto do trabalho informal feminino, fundamentada nas observações e experiências do pesquisador. Para tanto, foram conduzidas observações no cotidiano de trabalho dessas mulheres, buscando caracterizar e retratar as atividades desempenhadas e a inserção do trabalho feminino nesse cenário. Cabe ressaltar que, embora a maternidade tenha sido um elemento crucial para a seleção das participantes no estudo como um todo, é importante direcionar o foco deste estudo para o local, os trabalhos e os papéis das vendedoras ambulantes no cotidiano. Isso permite compreender as dinâmicas e desafios enfrentados por essas mulheres em seu contexto de trabalho. Essa abordagem amplia o conhecimento sobre as realidades vividas pelas mulheres ambulantes, contribuindo para a reflexão das condições de trabalho e qualidade dessa parcela da população. Além disso, contextualiza os cenários para o desenvolvimento do próximo estudo.

Este artigo inicia sua abordagem contextualizando o campo-tema, conforme proposto por Peter Spink (2003), destacando a importância da discussão sobre gênero, trabalho informal, e maternidade em um cenário de crescente feminização do mercado de trabalho informal. Em seguida, delineamos as estratégias metodológicas adotadas para conduzir a pesquisa. Posteriormente, adentramos nos resultados e na discussão, o quais analisamos a rede de relações presentes nos trabalhos desenvolvidos nas praias, estruturando a discussão em diferentes eixos temáticos. Finalmente, nas considerações finais, sintetizamos as principais informações produzidas e suas implicações para se pensar o trabalho informal e as relações de gênero.

2. OS PARADIGMAS DA PESQUISA

O presente artigo faz parte de um recorte da pesquisa "Trabalhar no litoral: um retrato dos trabalhadores nas praias de Salvador", desenvolvida pelo Núcleo de Estudos de Trabalho e Esporte (NETE) da Universidade Federal da Bahia (UFBA). O projeto foi submetido e aprovado pelo Comitê de Pesquisa da Plataforma Brasil, sob Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) Nº: 56893522.9.1001.5686. Trata-se de uma pesquisa fundamentada nas bases epistemológicas do construcionismo social e amparada em metodologias qualitativas.

Concentramos nossa atenção em mulheres que são mães de crianças ou adolescentes e que atuam como trabalhadoras ambulantes no litoral do subúrbio de Salvador, Bahia. Com o intuito de preservar o anonimato e a confidencialidade das participantes, utilizamos nomes fictícios em nossas análises, em conformidade com os procedimentos éticos estabelecidos. Além disso, destacamos que a definição de crianças e adolescentes utilizada no artigo, segue o disposto no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) brasileiro, disposto na Lei Nº 8.069/1990 (Brasil, 2023), no qual crianças são consideradas pessoas de até doze anos incompletos, e adolescentes são definidos como indivíduos de doze a dezoito anos.

A escolha do local de pesquisa levou em consideração a extensão da faixa litorânea da cidade de Salvador, que é estimada em 67 quilômetros (km) no continente, além das ilhas que compõem o município (Jesus & Baiardi, 2022). Nossa escolha também foi baseada na avaliação da balneabilidade das águas realizada pelo Instituto do Meio Ambiente e Recursos Hídricos (INEMA), embora nosso interesse não estivesse na qualidade das águas. Reconhecemos que as praias com maior frequência de banhistas e atividades recreativas são geralmente priorizadas para esse estudo, devido ao maior risco de exposição humana. Dessa forma, utilizamos essa avaliação como uma forma de compreender o fluxo de banhistas e, por consequência, de trabalhadoras/es nos locais selecionados.

Além disso, foram realizados estudos iniciais de viabilidade para escolher o local. Para isso, foram escolhidas duas praias representativas: a Praia de Buracão, no Rio Vermelho, uma das praias mais movimentadas pelo turismo e é banhada pelo Oceano Atlântico, e a Praia de São Tomé de Paripe, representativa das praias frequentadas pela população local e é banhada pela Baía de Todos os Santos.

O estudo de viabilidade permitiu observar diferentes características das praias de Salvador. Primordialmente, foi observada a presença de mulheres ambulantes na praia de São Tomé de Paripe, diferenciando-a da praia de Buracão. Desta forma, o local delimitado para o estudo foi o subúrbio, que compreende uma faixa de 18 km de litoral banhado pela Baía de Todos os Santos. Nessa região, existem somente três praias onde estava sendo realizado o estudo da balneabilidade das águas: Praias de São Tomé de Paripe, Tubarão e Periperi.

O presente artigo parte das observações no cotidiano. Reconhecemos que as observações são sempre mediadas pela linguagem, pela cultura e pelas interações sociais. Como nos aponta Mary Jane Spink (2007), esse procedimento não é visto como simples registros objetivos da realidade, mas são processos ativos nos quais as pesquisadoras/es constroem sentidos a partir do que percebem. Durante as observações iniciais, não foram identificadas trabalhadoras ambulantes na Praia de Periperi devido ao baixo movimento de banhistas, à pequena extensão da praia e à grande quantidade de bares que atendem o local. Por esse motivo, essa praia foi excluída das fases subsequentes do estudo.

2.1 DESCRIÇÃO DA PRODUÇÃO DE INFORMAÇÕES

Foram realizadas oito observações livres, duas observações sistemáticas e vinte visitas durante a realização deste estudo, com uma média de 02:09:28 horas de duração por sessão. O cronograma das visitas está detalhado no Quadro 1.

Quadro 1 - Cronograma de visitas às praias.

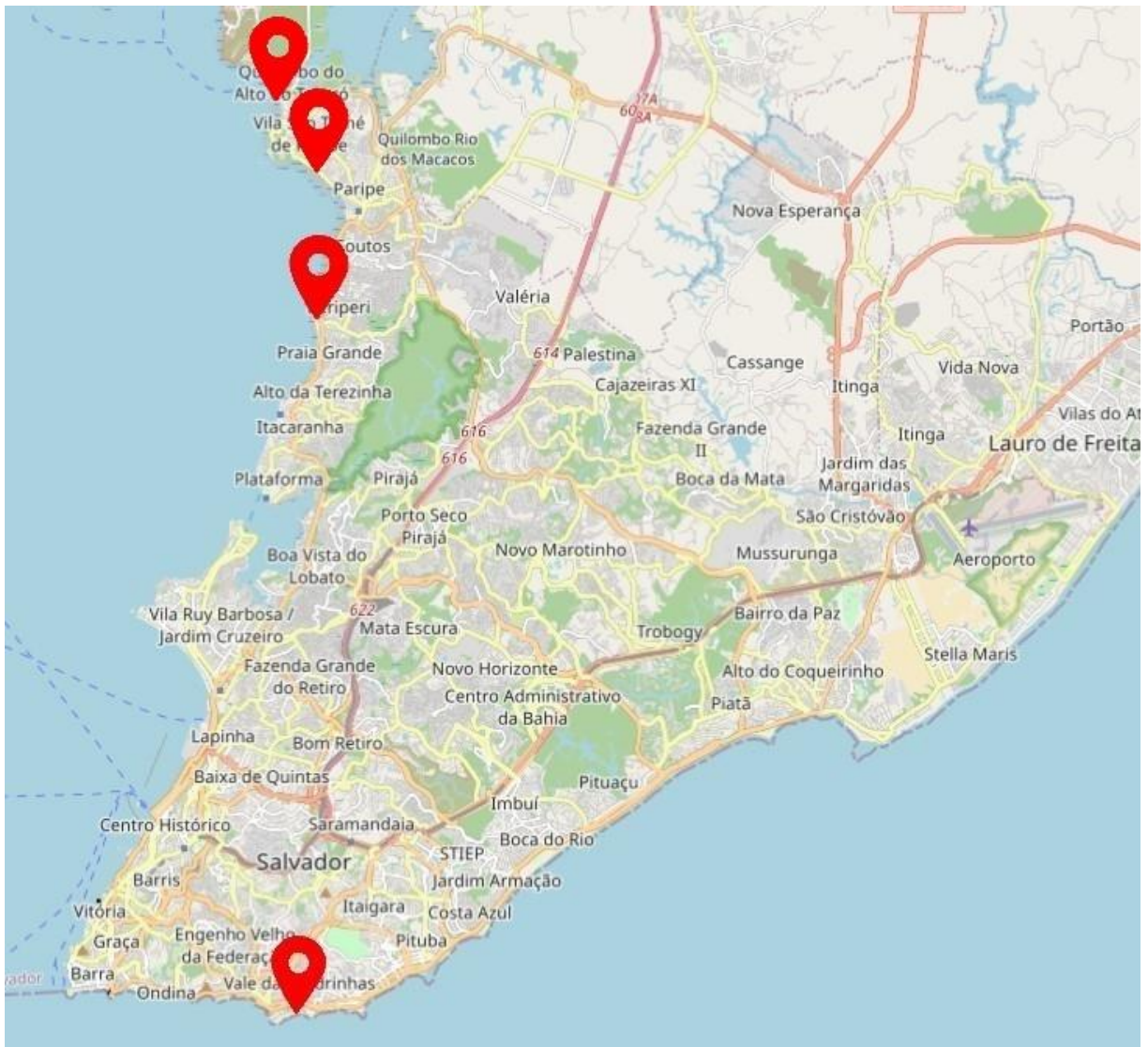
Procedimentos	Data	Local
Observações livres	12/06/2022	São Tomé de Paripe
	21/08/2022	Buracão (Rio Vermelho)
	12/10/2022	Periperi
	12/10/2022	Tubarão
	12/10/2022	São Tomé de Paripe
	22/10/2022	Periperi
	22/10/2022	Tubarão
	22/10/2022	São Tomé de Paripe
Observações Sistemáticas	14/01/2023	São Tomé de Paripe
	15/01/2023	Tubarão
Visitações	16/01/2023-25/01/2023	São Tomé de Paripe
	01/02/2023-10/01/2023	Tubarão

Fonte: autores.

Sinalizamos na Figura 1 as praias visitadas. As primeiras visitas foram destinadas à caracterização dos locais e a análise de viabilidade da pesquisa sobre o trabalho ambulante das mulheres, realizadas em 12/06/2022 e 21/08/2022. Como resultado, foi observado que haviam poucas trabalhadoras ambulantes na praia de Buracão. Assim, foi possível refinar a localidade a ser investigada pela presente pesquisa.

As visitas realizadas em diferentes momentos foram fundamentais para capturar parte da rotina das trabalhadoras/es, assim como para compreender a dinâmica dos locais. As observações livres permitiram uma análise mais ampla das características das praias delimitadas, incluindo a presença de barracas, bares, calçadas e barcos. Além disso, proporcionaram uma visão mais abrangente das pessoas que trabalham nesses locais, dos serviços e produtos oferecidos, das/os banhistas e das relações que se desenvolvem no ambiente.

Figura 1 - Mapa da cidade de Salvador/BA com as sinalizações das praias visitadas.



Fonte: Elaboração pelos autores com auxílio do *software* Atlas.ti® 23.

Esses aspectos permitem estabelecer uma interlocução entre o construcionismo social e a Teoria Atriz-Rede (TAR). Através dessa abordagem, compreendemos que as realidades são construídas nas práticas e nas relações estabelecidas entre as atrizes/atores humanos e não-humanos presentes no contexto (Latour, 2012). Ao considerar as trabalhadoras/es como atrizes/atores sociais, bem como os elementos físicos do ambiente, como barracas e barcos, percebemos que as relações entre essas atrizes/atores moldam a construção das realidades observadas.

A TAR nos convida a analisar as agências e os efeitos das atrizes/atores humanos e não-humanos na construção das práticas e significados sociais, conforme apontam Maria Cavalcanti e Rafael Alcadipani (2013). Essa perspectiva nos permite enxergar a interdependência e a co-construção das envolvidas/os nas práticas observadas, levando em conta que tanto as trabalhadoras/es quanto os elementos físicos do ambiente são influentes na construção das realidades observadas.

Com a análise inicial desses papéis na construção das realidades observadas, decidiu-se excluir a Praia de Periperi das demais etapas da pesquisa. Isso ocorreu devido à presença marcante de bares dispostos na pequena faixa de areia (cerca de

200 metros), que monopolizam o comércio no local, resultando em um movimento pouco expressivo de trabalhadoras ambulantes. Durante as duas observações realizadas, foram vistos apenas quatro vendedores de gelados comestíveis e um vendedor de queijo coalho (sexo masculino). Vale ressaltar que a primeira visita ocorreu em 12 de outubro, feriado que atraiu mais banhistas à praia.

Com base nas discussões das observações livres, foi desenvolvido um roteiro das observações com a ajuda do núcleo de estudos para caracterizar os locais e as pessoas que trabalham nesses espaços. O objetivo principal era produzir informações sobre as pessoas que trabalham nas praias, incluindo sexo, faixa etária, cor/raça, vestimentas, produtos/serviços, formas de divulgação, tipo de atividade, recursos, transporte de materiais, execução das atividades e pontos de destaque.

Assim, foi produzido um formulário no *Google Forms* que foi preenchido pelo pesquisador, em um processo de heteroidentificação durante as visitas realizadas nos dias 14/01/2023 e 15/01/2023. Nesse processo, registrou-se um total de 182 trabalhadoras/es e identificou-se sete atividades distintas, além de uma variedade de produtos e serviços comercializados. Essas etapas de produção de informações foram essenciais para obter uma visão abrangente dos trabalhos ambulantes nas praias estudadas.

As faixas observadas foram divididas em quatro partes. A primeira corresponde à calçada, onde várias barracas estão dispostas, principalmente de salgados fritos. A faixa de areia seca também é ocupada por barracas, a maioria oferecendo serviço de mesas e cadeiras as/aos banhistas, vendendo bebidas e comidas. Além disso, nessa faixa seca, observamos barracas de acarajés, onde produzem, e as vendedoras/es caminham pela areia para comercializá-los.

Também pudemos notar trabalhadoras/es ambulantes que, preferencialmente, caminham pela faixa de areia molhada, especialmente aquelas/es que utilizam carrinhos para transportar os produtos. Por fim, percebemos que alguns trabalhadores estão posicionados na água, onde barcos estão ancorados para fazer a travessia de transeuntes entre o continente e algumas ilhas da Baía de Todos os Santos.

Logo após as observações, foram iniciadas as visitas que possibilitaram as conversas com as trabalhadoras. Foram realizados dez encontros em cada praia, totalizando vinte sessões nesta última etapa da pesquisa. Embora este artigo não se foque nas informações construídas a partir das conversas especificamente, as relações e contextos observados pelo pesquisador durante essa etapa também compõem o objetivo do presente estudo.

Devido aos barulhos e ruídos presentes no campo de pesquisa, não foi possível realizar registros em áudios ou vídeos. No entanto, utilizamos um *smartphone* para registrar imagens ao longo da pesquisa, o que foi fundamental para compor o diário de campo. Durante as jornadas e rotinas de trabalho das trabalhadoras, realizamos conversas e observações, que muitas vezes exigiram interrupções para que elas pudessem atender suas/seus clientes.

Durante períodos de movimento intenso, algumas informações de campo não puderam ser transmitidas verbalmente, mas sim através das interações, comportamentos e observações do cotidiano das trabalhadoras no ambiente. Conforme destacado por Lany Sato (1991), é nessa fase da pesquisa que a pesquisadora/r é verdadeiramente inserida no universo pesquisado, permitindo compartilhar e vivenciar a rotina das pessoas.

Ao longo do estudo, todas as observações e visitas foram cuidadosamente registradas no diário de campo, levando em consideração a perspectiva construcionista. Durante as visitas e observações, o pesquisador manteve um bloco

de notas à disposição, onde anotava diferentes tópicos que emergiram da interação com as trabalhadoras. Após deixar o campo de pesquisa, essas anotações foram transcritas e as imagens capturadas foram cuidadosamente anexadas, valorizando a construção de sentidos e o processo da pesquisa. A compilação das informações escritas e imagens anexadas no diário de campo resultou em um documento com 115 páginas.

Essa abordagem foi adotada para proporcionar ao pesquisador uma vivência autêntica e uma observação atenta das múltiplas realidades presentes no contexto estudado. Para Mary Jane Spink (2010), ao envolver-se diretamente com o campo e registrar as informações em tempo real, é possível reduzir a distância entre a pesquisadora/r e as trabalhadoras/es, criando um espaço de interação mais igualitário e colaborativo.

Dessa forma, o registro detalhado das informações teve como objetivo principal destacar a natureza discursiva e dialógica do processo de construção social, valorizando as experiências de trabalhadoras/es, reconhecendo que o conhecimento é construído socialmente e que os sentidos são negociados por meio de interações e relações sociais, como expõem Mary Jane Spink et al. (2014). Essa abordagem construcionista permitiu uma compreensão mais profunda das práticas e condições de trabalho, levando em consideração a perspectiva das trabalhadoras e reconhecendo sua expertise e saberes.

2.2 COMPREENSÃO DAS RELAÇÕES E PRÁTICAS DE TRABALHO

A análise utilizada neste estudo consistiu em uma série de etapas cuidadosamente planejadas, que envolveu uma abordagem construcionista e dialógica, entendendo as interações e processos sociais presentes nas observações realizadas.

Após a seleção das praias, procedemos com observações adicionais em Periperi, São Tomé de Paripe e Tubarão, com o intuito de nos inserirmos na rotina desses locais e obtermos informações detalhadas sobre as atividades ambulantes. Durante essas observações, fizemos anotações em bloco de notas e registramos fotografias como suporte para análise posterior. Após avaliação, decidimos excluir a Praia de Periperi do estudo devido ao fato de que a maioria das atividades comerciais ocorria nos bares locais, o que não correspondia aos objetivos específicos da pesquisa.

Todo o material resultante das observações e conversas foi compilado e incorporado a um projeto no *software* de análise qualitativa Atlas.ti®23. Essa ferramenta possibilitou a leitura, codificação e auxílio no processo de análise das informações. Por meio de uma leitura reflexiva desse material, foram construídas categorias que serviram como base para a análise das informações produzidas. Para isso, foi elaborado um mapa dialógico, uma estratégia que facilitou a organização e interpretação das observações, conforme orienta o trabalho de Mary Jane Spink et al., (2014).

O mapa dialógico representou as interações e relações entre diferentes elementos ou atrizes/atores envolvidos no contexto do trabalho ambulante dessas mulheres, permitindo entender os pontos de vista, relações e influências que emergem das interações e vivências descritas. O objetivo é destacar as múltiplas perspectivas que emergem no campo-tema, evidenciando como as interpretações são coletivamente construídas e negociadas, conforme aponta Mary Jane Spink (2010).

A partir da produção do mapa dialógico, utilizou-se a metodologia de Análise de Redes Sociais (ARS), que se alinha à abordagem construcionista e à TAR. Essa metodologia se baseia nas relações sociais e nos padrões de interação entre as atrizes/atores em um determinado contexto, permitindo mapear e analisar as relações e interações entre as vendedoras ambulantes, suas redes de apoio e as conexões estabelecidas com outras atrizes/atores relevantes em seu cotidiano, sejam humanos ou não-humanos (Zancan et al., 2012). A ARS proporciona uma visualização das relações e ajuda a identificar como essas interações são moldadas pelas práticas e identidades das vendedoras ambulantes, levando em consideração o contexto social em que estão inseridas (Silva et al., 2013).

3. REDES DO TRABALHO: DESVELANDO AS DINÂMICAS E PRÁTICAS

Para compreender a intersubjetividade e as relações interpessoais no trabalho, requer-se uma abordagem que as situe concretamente nos microcontextos (Spink, 2008). Somente ao considerarmos o trabalho em suas materialidades, podemos examinar as relações de poder que permeiam a divisão social do trabalho, bem como os valores, posicionamentos e ideologias (Coutinho et al., 2018). Além disso, é fundamental considerar as condições e peculiaridades do capitalismo contemporâneo, da política neoliberal e a naturalização de práticas perversas que moldam o cenário laboral.

Por isso, buscamos situar a presente análise no encontro entre as estruturas sociais e as práticas cotidianas, capturando as nuances e contradições que surgem nesse contexto. Consideramos as pessoas como protagonistas, afinal, nesse processo de co-construção do conhecimento, como afirma Mary Jane Spink (2007) é importante privilegiar o conhecimento local, produzido pelas participantes em seus contextos.

É importante destacar que não consideramos a representação da realidade apresentada aqui como sendo a realidade em si (Barcinski, 2014). Os resultados obtidos com as observações nas praias do subúrbio de Salvador permitiram construir um dos possíveis retratos sobre a complexidade e as peculiaridades do trabalho desempenhado pelas mulheres ambulantes nesses locais.

No construcionismo social, não há uma maneira única de conduzir a pesquisa. Dentro desse movimento é fundamental manter uma postura crítica e reflexiva, que não encerra, afinal rejeita-se a noção absolutista da verdade, conforme nos aponta Mariana Cordeiro et al. (2023). Portanto, começamos a discussão com a caracterização do campo-tema, que nesse pequeno retrato revela uma realidade marcada pela informalidade e pelas condições precárias de trabalho, que se manifestam nos desafios enfrentados diariamente por essas trabalhadoras. As condições sócio-históricas e econômicas desempenham um papel relevante nesse processo de inserção e vivência.

3.1 DESCRIÇÃO DOS TRABALHOS E DO CONTEXTO LOCAL

Constatou-se que a praia de São Tomé de Paripe possui uma faixa de areia com cerca de 1,3 km de comprimento, enquanto a praia de Tubarão abrange aproximadamente 1 km, com base nas medições realizadas pelo *Google Maps*. No entanto, é relevante destacar que as características das duas praias divergem consideravelmente em relação à profundidade da faixa de areia. Nota-se que a praia de São Tomé de Paripe apresenta uma maior profundidade se comparada à praia de

Tubarão. Adicionalmente, os movimentos das marés exercem influência direta nas características e disponibilidade de espaço para as pessoas que frequentam ambas as praias.

As características das praias não são inerentes ou fixas, mas sim construções sociais que surgem nas interações entre pessoas, objetos e o ambiente. A extensa faixa de areia na praia de São Tomé de Paripe e a faixa menor na praia de Tubarão são produtos sociais construídos, para Mary Jane Spink (2017) isso ocorre por meio de processos sociais, como ações humanas, práticas culturais e representações coletivas. Essas características não são estáticas, mas estão em constante mudança e podem ser reinterpretadas ou redefinidas ao longo do tempo.

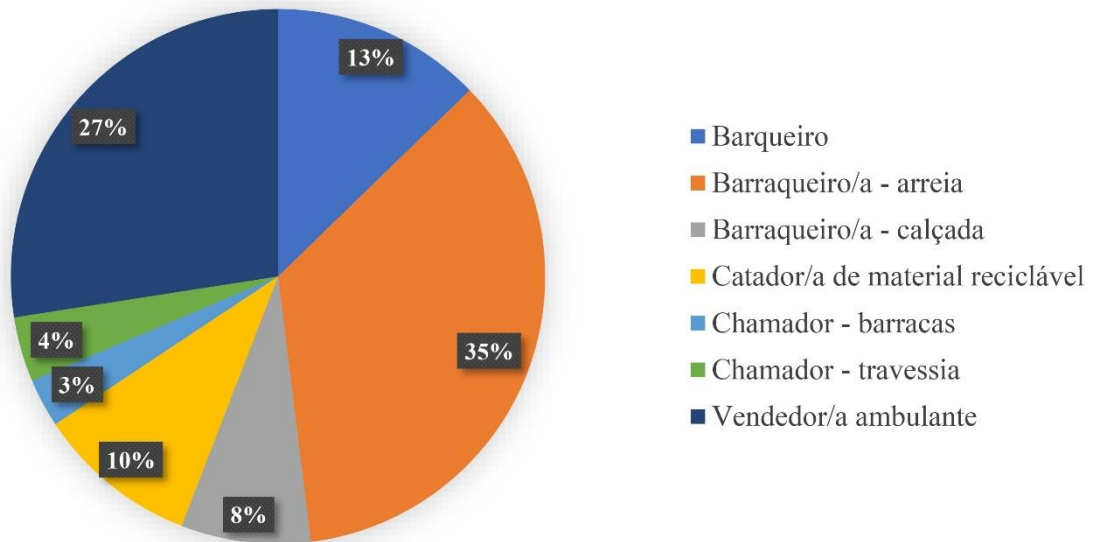
Reconhecemos que as definições dos limites entre as praias são construções sociais. Por exemplo, a praia de São Tomé de Paripe tem seu início demarcado pela faixa de areia que se inicia nas proximidades do terminal marítimo e seu porto, onde ocorrem movimentações de carga e descarga. O final da praia é delimitado pelo terminal marítimo de passageiros, assim como pela demarcação que separa a praia de São Tomé da praia do Inema, que é propriedade da Marinha do Brasil na Base Naval de Aratu.

As interações de atrizes/atores humanos e não humanos fazem parte da construção das características do local de pesquisa. Os movimentos das marés, por exemplo, desempenham um papel fundamental na modelagem das faixas de areia e na disponibilidade de espaço para os frequentadores. Parafraseando Patricia Camillis et al. (2016), esses movimentos das marés são atores não humanos que interagem com outros elementos, como a geografia do local, a ação humana e as práticas sociais, modelando diretamente as características físicas e sociais das praias.

Uma praia é um ambiente que envolve uma variedade de atrizes/atores humanos nas complexas relações coletivas. Entre eles estão as/os banhistas e frequentadoras/es, que visitam a praia para lazer e socialização. Os diversos tipos de trabalhadoras/es, formais ou informais, com espaços fixos ou ambulantes, os quais proporcionam o acesso a produtos e serviços. A segurança dos banhistas é assegurada pelas/os salva-vidas e pelas equipes de segurança. As autoridades governamentais têm papel na gestão e regulamentação das praias, enquanto as moradoras/es locais têm uma relação próxima com o ambiente costeiro. Essas atrizes/atores desempenham papéis únicos e contribuem para a dinâmica social, cultural, econômica e ambiental das praias.

Para caracterizar as diversas atividades que compõem as praias como contexto de pesquisa, foi conduzido um levantamento dos trabalhos executados no local. É importante ressaltar que o levantamento foi conduzido a partir de uma abordagem de heteroidentificação, na qual as observações foram realizadas pelo pesquisador sem a interação “direta” com as pessoas envolvidas. Os resultados desse levantamento podem ser visualizados no Figura 2 e Figura 3.

Gráfico 1 - Trabalhos identificados na praia de São Tomé de Paripe.

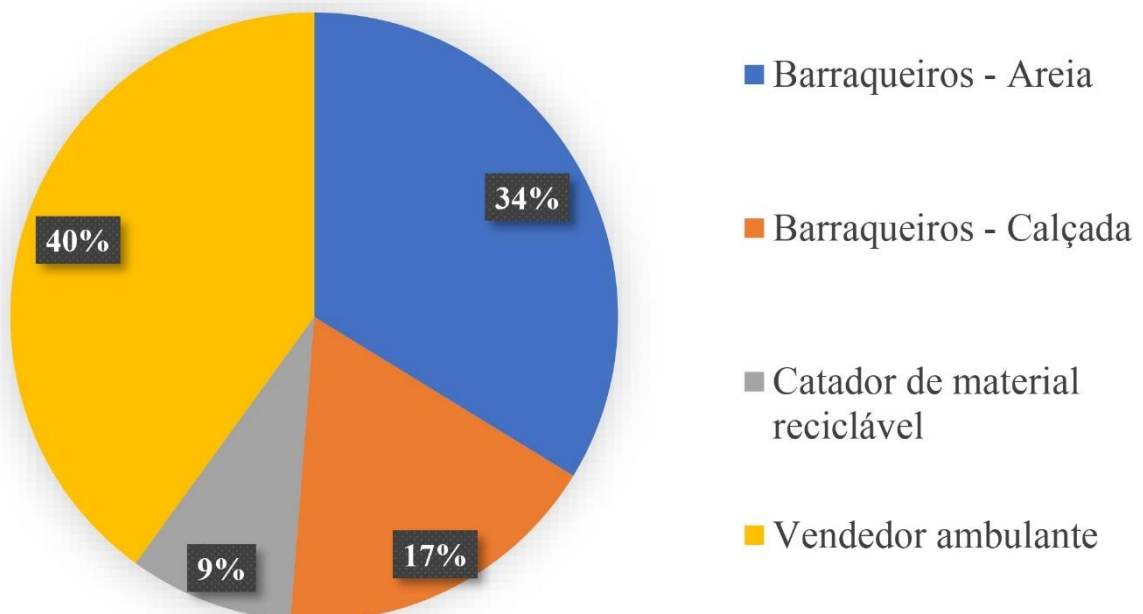


Fonte: autores.

No total, foram identificados 102 trabalhadoras e trabalhadores na praia de São Tomé de Paripe (Figura 1). As atividades de barqueiro, chamador de barracas e chamador de travessia são características da praia de São Tomé de Paripe, não sendo observadas na praia de Tubarão. Observamos que tais atividades eram exercidas exclusivamente por homens. As funções mais destacadas são as de barraqueiras/os de areia e vendedoras/es ambulantes, representando 35% e 27% respectivamente, do total de trabalhadores no local.

Na praia de Tubarão, foi registrado um total de 80 trabalhadoras/es. As atividades predominantes são desempenhadas por vendedoras/es ambulantes e pelas barracas de areia (Figura 3). Além disso, foi observada a presença de bares ao longo da orla, que atendem as/os banhistas, o que pode explicar a maior proporção de trabalhadoras/es ambulantes (40%), diferenciando-se da praia de São Tomé de Paripe, onde a maioria das atividades ocorre nas barracas de areia.

Gráfico 2 - Trabalhos identificados na praia de Tubarão.



Fonte: autores.

Podemos compreender as diferentes atividades e atrizes/atores presentes nas praias como construções sociais. A categorização dos trabalhadores e suas funções específicas são frutos de acordos e convenções estabelecidos pela comunidade local e pelas práticas cotidianas (Latour, 2012), que ocorrem nas praias como a relação de uma praia possuir barqueiros de travessias de perdestes e na outra não. A definição dos papéis, como barqueiros, chamadores de barracas e chamadores de travessia, também é construída socialmente, reflete as necessidades e as demandas das/os frequentadoras/es e das dinâmicas da região.

A dinâmica da região forma uma rede composta por atrizes/atores humanos e não humanos, incluindo estruturas físicas e instrumentos de trabalho. Essa rede pode ser observada nas interações entre as funções desempenhadas, onde o barqueiro que realiza as travessias depende dos chamadores para atrair clientes, enquanto estes precisam promover uma experiência atraente que desperte o interesse das/os frequentadoras/es, especialmente aquelas/es que são novas/os na região.

Cabe ressaltar que as interações nessas praias são influenciadas por perspectivas históricas e culturais, que continuam a moldar as divisões de trabalho, especialmente com base nas relações de gênero (Coutinho et al., 2015). Na praia de São Tomé de Paripe, as trabalhadoras representaram 30% ($n=31$) da força de trabalho, desempenhando uma variedade de funções, com a maioria ocupando posições nas barracas de areia e atuando como vendedoras ambulantes, contudo também foi observado os trabalhos de catadoras de material reciclável e barraqueiras na calçada.

Na praia de Tubarão, as mulheres correspondem a 40% ($n=32$) da força de trabalho que atua no local. Observa-se que essas mulheres desempenham suas atividades principalmente nas barracas de areia da praia de Tubarão. Além disso, também são responsáveis pelas atividades de barraqueiras de calçadas e catadoras de material reciclável. Essa diversidade de funções desempenhadas pelas mulheres na praia de Tubarão reflete a participação delas em diferentes setores de trabalho dentro desse contexto específico. Na praia de Tubarão é interessante observar que não foram identificadas funções exclusivamente masculinas ou femininas nessa realidade retratada.

A divisão do trabalho pelo gênero também pode estar relacionada à distribuição pelas diferentes faixas da praia. Ao dividir a praia em quatro faixas - calçada, água, faixa de areia seca e faixa de areia molhada - observa-se que certas atividades comerciais na praia estão associadas a papéis de gênero específicos e aos locais onde são desempenhadas. Por exemplo, as barracas localizadas na faixa de calçada, que oferecem alimentos fritos, são frequentemente operadas por homens.

Por outro lado, a faixa de areia seca, onde são dispostas mesas e cadeiras, além do comércio de alimentos e bebidas, geralmente é organizada por mulheres. Alexandra Maiato e Fernanda Carvalho (2020) discutem que essa divisão pode estar relacionada a estereótipos de gênero e às expectativas sociais que influenciam as escolhas ocupacionais. Da mesma forma, a preferência das trabalhadoras/es ambulantes pela faixa de areia molhada, especialmente aqueles que utilizam carrinhos, pode ser atribuída à acessibilidade e à percepção de melhores oportunidades de negócio nessa área específica da praia.

De maneira geral, podemos dizer que a faixa da calçada é preferencialmente utilizada por algumas barracas que comercializam alimentos fritos. Na faixa de areia seca, geralmente são dispostas as barracas que fornecem mesas e cadeiras, além de alimentos e bebidas. As baianas de acarajé também montam seus tabuleiros nessa parte da praia.

Vale destacar que as baianas de acarajé foram identificadas como barraqueiras de areia nesta pesquisa. É fundamental ressaltar que a figura da baiana de acarajé tem raízes profundas na cultura baiana e na tradição afro-brasileira, e seu papel como provedora de alimentos tradicionais é altamente valorizado (Santos, 2013). O autor ainda complementa, informando que ao longo das gerações, as mulheres ocupam essa função, transmitindo conhecimentos e técnicas de preparo, fortalecendo assim a identidade cultural e preservando as tradições locais. A produção desse quitute foi uma atividade identificada como sendo desempenhada exclusivamente por mulheres no contexto da pesquisa. No entanto, observou-se a presença de trabalhadores homens atuando nas barracas como ajudantes ou servindo as mesas. A predominância de mulheres nas atividades das baianas de acarajé, de forma geral, reflete como as construções sociais e culturais organizam a divisão do trabalho e a participação de gênero em ocupações específicas.

A faixa de areia molhada, por sua vez, é a preferência das trabalhadoras/es ambulantes, especialmente aqueles que utilizam carrinhos para suas atividades comerciais. A faixa de água não foi considerada, pois na praia de Tubarão não há barqueiros que realizam travessias de transeuntes para as ilhas e não foram observadas pescadoras/es durante o trabalho de campo.

Assim, as praias são espaços complexos que envolvem uma variedade de atrizes/atores, as quais desempenham um papel fundamental na dinâmica social, cultural, econômica e ambiental dessas áreas costeiras. Ao considerarmos as características específicas das praias visitadas, somos capazes de compreender as atividades profissionais desempenhadas e refletir sobre a divisão do trabalho pelo gênero e pelas diferentes faixas da praia. Essas dinâmicas são construções sociais interligadas, que se influenciam mutuamente. As ocupações presentes nessas praias não são meramente uma questão de escolha individual, mas sim resultado de construções sociais que moldam as oportunidades e as possibilidades de atuação.

3.2 CONSTRUÇÃO SOCIAL DAS CONDIÇÕES DO TRABALHO NAS PRAIAS DE SALVADOR

As condições de trabalho nas praias do subúrbio de Salvador são diversas e apresentam desafios específicos para as trabalhadoras/es. As atividades realizadas pelas trabalhadoras/es nas barracas de praia incluem a venda de alimentos e bebidas, serviços de mesas e cadeiras, comércio de coco, acarajé, salgados fritos e aluguel de boias infláveis. Os barqueiros fornecem serviços de travessia entre o continente e as ilhas, também é possível encontrar trabalhadoras/es envolvidos no aluguel de boias infláveis.

Por outro lado, as trabalhadoras/es ambulantes comercializam uma variedade de produtos, como algodão doce, amendoim torrado/cozido, artesanatos, bebidas alcoólicas e não alcoólicas, bonés, boias infantis, bronzeadores/protetores, caldo de sururu, camarão frito, caranguejo, doces industrializados, frango assado, óculos de sol, ovos de codorna, gelados comestíveis, pipoca, pirão de aipim, queijo coalho assado e salgados fritos.

Para o transporte dos produtos comercializados, são utilizados diferentes equipamentos e recursos. As trabalhadoras/es ambulantes frequentemente carregam caixas térmicas ou caixas organizadoras plásticas para armazenar e transportar os produtos. O uso de bastões de ferro ou madeira é comum para transportar boias infláveis, protetores/bronzeadores e algodão doce. Além disso, alguns carrinhos

auxiliam no transporte de materiais, principalmente no comércio de gelados comestíveis.

Algumas atividades específicas, como as barracas de alimentos, requerem o uso de bandejas para servir as/os clientes. Já as trabalhadoras/es envolvidos na coleta de materiais recicláveis utilizam sacos grandes para comportar os materiais coletados, principalmente latas e garrafas plásticas.

As condições de trabalho observadas nas praias revelam faltas em relação à proteção e segurança das trabalhadoras/es. Muitas trabalhadoras/es não utilizam equipamentos adequados, como protetor solar, chapéus e óculos de proteção. Além disso, as vestimentas utilizadas não são adequadas para o ambiente praiano, e muitos trabalhadores ficam sem camisa e descalços, mesmo em dias muito ensolarados e em áreas com areia quente e presença de cascalhos e conchas.

A ausência/privação dos recursos materiais e imateriais relacionados à ergonomia é evidente. As trabalhadoras/es frequentemente carregam peso e realizam muitos movimentos repetitivos em sua jornada. Essas condições inadequadas podem gerar lesões e problemas musculares, afetando a qualidade de vida delas/es.

No entanto, algumas observações revelaram exemplos positivos. Por exemplo, uma trabalhadora que levava consigo uma churrasqueira de queijo coalho adaptada à sua altura e a presença de uma tampa para fechá-la quando não está em uso. Essa não é uma prática comum, já que majoritariamente os equipamentos são pequenos, o que faz com que no momento do preparo as/os trabalhadoras/es se agachem, além disso a falta da tampa faz com que essas pessoas circulem pela praia com as brasas acessas e facilitam queimaduras. Essas pequenas adequações podem fazer diferença na qualidade de vida das trabalhadoras/es.

A informalidade é uma “opção” de trabalho para essa população, mas também representa desafios adicionais para o bem-estar e a qualidade de vida das trabalhadoras/es. Contudo, não podemos considerar essas atividades como apenas escolhas individuais, mas sim construções sociais moldadas por normas, valores e estruturas de poder. A falta de reconhecimento histórico e a segregação territorial contribuem para essas condições. Soares (2006) demonstra em seu estudo que os territórios populares de Salvador, incluindo o subúrbio ferroviário, local desta pesquisa, são caracterizados por condições de vida precárias que refletem a situação de pobreza decorrente de seu desenvolvimento histórico.

Uma das práticas populares de se lidar com a pobreza é a informalidade, que pode ser interpretada como algo necessário e até mesmo positivo, dependendo da cultura, das circunstâncias econômicas e das perspectivas individuais. A flexibilidade, liberdade e autonomia podem ser consideradas como alguns dos pilares da valorização social dessas formas de trabalho, conforme mostra Maria Tavares (2015). Maria Almeida et al. (2013) afirmam que a necessidade de sobrevivência e a valorização do trabalho são partes integrantes da vida e da identidade de uma pessoa também são normas e valores que orientam a construção e manutenção do trabalho informal nas sociedades. Por isso, devemos abordar questões estruturais e promover políticas que ampliem as oportunidades de emprego formal e garantam condições adequadas de trabalho para todas/os.

As condições precárias, a falta de proteção social, a ausência de direitos trabalhistas e a vulnerabilidade econômica que fazem parte das redes do trabalho informal podem ser consideradas como fatores que perpetuam ciclos de pobreza e limitam as perspectivas de crescimento e desenvolvimento pessoal e profissional (Costa, 2010). Nesse contexto, as trabalhadoras/es informais, as normas sociais, as condições precárias, as políticas governamentais e outros elementos relacionados à

informalidade são considerados atrizes e atores que desempenham papéis na manutenção e reprodução dessa forma de trabalho.

Os diferentes tipos de trabalho, como venda de alimentos, serviços de mesas, comércio de produtos e aluguel de boias infláveis, podem ser explicados por muitos como uma resposta às demandas e necessidades das/os banhistas. Contudo, ao adotarmos uma perspectiva construcionista, podemos questionar a ideia de que a demanda por esses serviços nas praias de Salvador seja uma necessidade intrínseca das/os banhistas, já que em vez disso, podemos considerar que essa demanda é construída e moldada pelas circunstâncias e pela disponibilidade em si de certos produtos e serviços.

A presença de barracas e outros trabalhos na praia pode ser resultado de um processo de construção social, no qual as atividades se adaptam às expectativas e preferências das/os banhistas. No entanto, a demanda por certos produtos e serviços também é moldada pela interação social e pela dinâmica cultural. As/os banhistas interagem por meio de suas escolhas e comportamentos de maneira colaborativa com outras pessoas, criando uma pressão social para consumir determinados produtos ou utilizar certos serviços.

A demanda é construída e mantida por meio de interações sociais e práticas cotidianas. É característico o comércio de produtos e serviços nas praias de todo o Brasil. No entanto, as práticas são moldadas de acordo com o contexto, a cultura e a história de cada local. Por exemplo, o consumo do acarajé é enraizado na cultura baiana, especialmente nas praias próximas à capital do estado, mas pode não ser uma demanda relacionada ao litoral em outros territórios do país. As práticas de trabalho informal também podem ter essa leitura, já que muitas vezes só fazem sentido no local onde são realizadas, como relata Lany Sato (2013).

As trabalhadoras/es e o ambiente praiano estão interligados em uma rede. Para a TAR a rede é entendida como uma teia de relações sociais que está em constante transformação, na qual os atores e os objetos se influenciam mutuamente na construção da realidade (Latour, 2012). Nessa rede, podemos observar as trabalhadoras/es, suas atividades e os equipamentos e recursos utilizados para realizar o trabalho. Nesse emaranhado, as práticas laborais são modificadas e modificam-se em resposta às demandas das/os banhistas, às condições do local e à disponibilidade de recursos.

No entanto, a lógica cruel do trabalho informal também é evidente nesses microlugares de atuação profissional no litoral. Ao refletir sobre os desafios e as limitações presentes nessa rede de atrizes e atores, humanos e não-humanos, é evidente a falta de preocupação ou de recursos para a proteção e segurança das trabalhadoras/es. Isso pode revelar a interação de normas sociais arraigadas, que priorizam a produtividade e o lucro em detrimento do bem-estar dos indivíduos, além de indicar a falta de consciência sobre a importância do autocuidado para a manutenção da saúde, principalmente quando se trata de trabalhadores homens, como apresenta Marley Araújo e Kátia Moraes (2017). A negligência em relação à ergonomia e o uso inadequado de equipamentos evidenciam a necessidade de repensar as práticas laborais, levando em consideração o impacto físico e emocional nas/os trabalhadoras/es.

Devemos considerar os efeitos das condições de trabalho nas praias sobre a saúde e o bem-estar das/os trabalhadoras/es. A exposição prolongada ao sol sem proteção adequada pode resultar em problemas de saúde, como queimaduras e doenças de pele. Além disso, a falta de equipamentos ergonômicos e práticas laborais inadequadas podem levar a lesões musculares, dores crônicas e problemas posturais.

Diante desse panorama, é essencial promover melhores condições de trabalho para as trabalhadoras/es nas praias. Isso envolve a conscientização sobre a proteção solar, o uso adequado de equipamentos de segurança e a adoção de práticas ergonômicas.

3.3 MULHERES QUE LEVAM SEUS NEGÓCIOS PELAS PRAIAS

O trabalho ambulante desempenhado pelas mulheres nas praias é uma atividade em constante movimento. As trabalhadoras ambulantes que atuam nas praias são mulheres autônomas que vendem produtos e serviços para as/os banhistas. Elas percorrem a faixa de areia, abordando e oferecendo uma variedade de produtos enquanto caminham ao longo da praia.

Nas observações realizadas, foi possível identificar uma representação significativa de trabalhadoras e trabalhadores nas praias analisadas. Do total de 182 pessoas observadas, 35% ($n=63$) eram mulheres trabalhadoras, enquanto 65% ($n=119$) eram homens trabalhadores. Ao considerarmos a análise étnica, observa-se uma notável predominância de pessoas negras (pretas e pardas) nessas praias, representando 97% do total ($n=77$). Em contraste, pessoas brancas compõem apenas 3% ($n=5$).

Ao realizar um refinamento da análise, agora considerando também o sexo, os resultados revelam uma consistência nos padrões identificados anteriormente. Das mulheres observadas, apenas 3% eram brancas, totalizando duas mulheres. Por outro lado, 97% das mulheres eram negras, somando 61 participantes.

Ao observar a representação demográfica nas praias estudadas, tornou-se evidente a dinâmica marcada por desigualdades sociais, especialmente no que diz respeito à segregação racial. Kelen Predebon et al. (2010) discutem que na relação entre desigualdades sociais, condições de vida e saúde, existe a relevância da desagregação geográfica, as autoras mostraram que no Brasil a maioria da população negra vivia nas comunidades periféricas.

Estudos como os conduzidos por Keisha-Khan Perry (2012, 2005) lançam luz sobre as dinâmicas complexas que caracterizam as comunidades periféricas de Salvador, especialmente no que diz respeito à composição racial. Essas análises apontaram que tais áreas eram predominantemente habitadas pela população negra, destacando não apenas a questão da marginalização geográfica, mas também a resistência necessária dessas comunidades, mesmo quando inseridas em espaços que possuem um potencial elitista.

Um exemplo dessa resistência é evidenciado na comunidade da Gamboa de Baixo (Perry, 2005). Localizada em um ambiente que poderia ser considerado elitizado, essa comunidade enfrenta desafios singulares, onde as disparidades sociais se entrelaçam com a segregação espacial. A presença majoritária da população negra nesse contexto, demonstra a segregação racial e a marginalização da população menos abastada, ademais ressalta a necessidade crucial de resistir contra as pressões sociais e econômicas que podem surgir em uma comunidade cercada por uma zona de alta renda.

A cidade de Salvador carrega as marcas profundas de uma segregação geoespacial que remonta aos processos históricos de urbanização. A análise desse fenômeno revela uma lógica racista que perpetua desigualdades espaciais, especialmente para a população negra soteropolitana. Para Claide Cruz e Diosmar Santana-Filho (2020) existe um processo de normatização urbana e a racialização da cidade, o qual torna evidente que a população negra está concentrada em territórios segregados. Essas áreas, estão caracterizadas por condições precárias de moradia,

acesso limitado a serviços públicos e oportunidades educacionais restritas, perpetuam um ciclo de desigualdade que marginaliza essa parcela significativa da sociedade soteropolitana (Carvalho & Arantes, 2021).

A segregação geoespacial reflete nas condições de vida das trabalhadoras e trabalhadores que atuam na informalidade, incluindo nas praias da cidade (Cunha & Jakob, 2010). Pois, essas desigualdades não se limitam apenas ao âmbito geográfico, mas também moldam as oportunidades econômicas disponíveis para as pessoas que vivem nas periferias da cidade.

Por exemplo, durante as visitas, foram observadas mulheres de diferentes faixas etárias, cada uma com produtos e atividades distintas. Cabe destacar que esse processo foi realizado por meio de uma heteroidentificação. Portanto, as informações sobre as idades foram formuladas em faixas, visando uma representação mais precisa a partir do olhar do pesquisador. A maioria das trabalhadoras do litoral estava na faixa etária de 26 a 45 anos, considerada a idade produtiva. No entanto, também foram identificadas três meninas com idade menor ou igual a 15 anos e cinco mulheres com idade superior a 56 anos. Isso demonstra que mulheres de diferentes idades estão envolvidas nas atividades econômicas do litoral, movimentando a economia local, mas também sendo vulneráveis à violação dos direitos básicos das crianças e adolescentes.

No que se refere à proteção contra os raios ultravioleta (UV), cerca de 22% das trabalhadoras utilizam roupas apropriadas para se proteger do sol, um valor próximo à média geral de proteção observada, que foi de 24% entre trabalhadoras e trabalhadores em geral. No entanto, também foi observado que algumas mulheres trabalham apenas com a parte de cima do biquíni, blusas de alças e shorts curtos, o que não permite o cuidado necessário com a pele. Isso pode estar relacionado a questões culturais, já que essas roupas são consideradas mais confortáveis, especialmente em dias mais quentes, e também permitem aproveitar momentos na água, uma prática comum para muitas trabalhadoras/es.

Essas mulheres carregam consigo os materiais necessários para o transporte e exposição de seus produtos, como bandejas e caixas organizadoras. Algumas também utilizam carrinhos ou outros equipamentos para facilitar o transporte e a exposição dos produtos, transformando-os em suas "lojas portáteis", como destacado por Peter Spink (2009) ao discutir as dinâmicas do trabalho informal e de subsistência.

As mulheres que atuam no litoral não se limitam a atividades específicas. Elas estão presentes em atividades ambulantes, nas barracas de calçada ou de areia, desempenhando tarefas consideradas pesadas. Durante as observações, notou-se mulheres carregando e montando grandes sombreiros na areia, transportando bacias cheias de amendoins ou grandes caixas organizadoras com caranguejos ou outros alimentos.

Essas mulheres desempenham um papel fundamental na economia das praias, oferecendo alimentos, bebidas, artesanatos e outros itens de interesse das frequentadoras/es. Suas principais atividades incluem trabalhar nas barracas de praia e atuar como vendedoras ambulantes. Elas se movimentam entre as pessoas, mesas e barracas, buscando clientes interessadas/os em adquirir seus produtos.

Vale ressaltar que as pessoas que trabalham na informalidade também assumem a responsabilidade pela organização e gestão de seus negócios, desde a compra dos produtos até a venda direta as/aos clientes. A organização dessas microcadeias produtivas, como citado por Peter Spink (2009), ocorre principalmente de forma individual, embora seja comum encontrar trabalhadoras que atuam em grupos ou em parceria com outras pessoas, como familiares ou colegas.

A atuação das mulheres ambulantes é moldada por diferentes fatores contextuais. A presença de bares na orla e o número de banhistas presentes na praia exercem interação sobre a participação e trajetória dessas mulheres ao longo do dia. Elas se adaptam ao ambiente e seguem o fluxo de potenciais clientes, caminhando estrategicamente onde há maior concentração de pessoas. Dessa maneira, pode-se observar como o trabalho dessas mulheres é moldado pelas dinâmicas sociais presentes nas praias. Elas se ajustam ao contexto em que estão inseridas e interagem com outras atrizes/atores, como as/os clientes e outras trabalhadoras/es, moldando suas estratégias de venda e sua forma de atuação.

Durante as visitas foi possível acompanhar e observar cinco trabalhadoras em alguns momentos no seu cotidiano de trabalho: Carmem, Luciana, Márcia, Valéria e Joana. Cada uma delas desempenha diferentes atividades e vende produtos variados. Carmem e Luciana trabalham juntas vendendo queijo coalho, Joana também vende queijo coalho. Márcia oferece bronzeador e protetor solar. Valéria trabalha com peixes fritos.

A organização do trabalho das mulheres ambulantes é marcada pela individualidade, mas também há momentos de interação e colaboração entre elas. Essas mulheres são essenciais para a dinâmica das praias, contribuindo para a economia local e para a oferta de produtos as/aos banhistas. Elas interagem com as/os banhistas, estabelecendo conexões e negociações durante o processo de venda, negociando o preço dos produtos, a forma de pagamento e até mesmo os trocos, que muitas vezes são negociadas, especialmente no início do dia, quando ainda não possuem recursos financeiros suficientes.

Elas também interagem com outras trabalhadoras/es nas praias, como as vendedoras/es de barracas. Durante os momentos de descanso presenciados pelo pesquisador, houve momentos de compartilhamento de informações e experiências entre as próprias trabalhadoras/es. Essas interações contribuem para a construção das redes sociais e para a forma como o trabalho ambulante é realizado.

Nos meios de interação social e construção do contexto, precisamos entender a dinâmica social à qual essas trabalhadoras, por serem mulheres, estão submetidas. Natália Trindade e Maira Covre-Sussai (2019) afirmam que devemos atentar que os papéis de gênero interagem nas práticas de trabalhos, vendas e interações das mulheres ambulantes com as/os banhistas. Esses elementos moldam as estratégias e abordagens das mulheres ambulantes, bem como afetam a forma como são percebidas e valorizadas pelas/os clientes.

A praia do subúrbio de Salvador é um local que sofre com interferências sonoras intensas, principalmente quando está movimentada com muitas/os transeuntes. Há inúmeros barulhos de caixas de som musicais, conversas de banhistas, carros com som automotivo ligado e muitas vendedoras/es gritando, usando isso como forma de *marketing* de seus produtos ou serviços. Contudo, foi observado que as mulheres tendem a se aproximar mais das mesas e cadeiras onde as/os banhistas estão acomodadas, preferindo falar mais baixo e evitando as práticas de gritos.

Nesse contexto, as mulheres ambulantes se adaptam à atmosfera de lazer. Elas ajustam sua linguagem, entonação de voz e adotam uma abordagem amigável. Isso pode fazer parte do estereótipo de feminilidade e do atendimento ao público que se espera de uma mulher, ou seja, serem amáveis, simpáticas e atenciosas ao lidar com clientes.

Essas expectativas culturais e sociais podem tanto limitar quanto oferecer oportunidades para as mulheres ambulantes. Por um lado, elas podem ser pressionadas a se conformar com estereótipos de gênero e a adotar comportamentos

que reforcem a ideia de feminilidade. Por outro lado, as mulheres ambulantes também podem encontrar espaço para atuarem, utilizando as expectativas culturais a seu favor para estabelecer relações positivas com as/os clientes e garantir o sucesso de suas vendas.

As dinâmicas sociais e as expectativas culturais em torno do trabalho e dos papéis de gênero são construídas socialmente e podem variar de acordo com o contexto cultural e histórico, conforme mostram Maria Coutinho et al. (2018). Portanto, a forma como as mulheres ambulantes se relaciona com esses elementos também moldam fatores locais, regionais e culturais específicos. Assim, a leitura aqui apresentada retrata um momento específico.

Nesse cenário, devemos considerar que as mulheres ambulantes não são apenas pessoas passivas que se adaptam às circunstâncias, mas também são agentes ativas na construção de suas identidades e práticas (Tureta & Alcadipani, 2009). Elas negociam, resistem e encontram formas de enfrentar as adversidades no contexto do trabalho ambulante nas praias.

Essas mulheres carregam seus produtos, lidam com o sol, a areia e outros desafios. Mesmo assim, desempenham um papel produtivo na sociedade, sustentando suas famílias e garantindo sua renda diária. Durante as visitas realizadas, foi possível acompanhar o dia a dia de algumas trabalhadoras, que se dedicam com afinco ao trabalho árduo de transportar e vender seus produtos ao longo da praia. Elas se dedicam diariamente à preparação e venda de seus produtos, enfrentando as dificuldades do transporte, montagem de suas "lojas portáteis" e a abordagem aos clientes. Seu trabalho requer habilidades de negociação, persuasão e comunicação eficaz para atrair banhistas e concretizar as vendas.

3.4 PRECARIEDADE E DESAFIOS DO TRABALHO FEMININO NO LITORAL

O trabalho ambulante feminino no litoral do subúrbio de Salvador enfrenta uma série de condições precárias e desafios significativos. Para Souza (2021) a precariedade das condições laborais que são caracterizadas por instabilidade, insegurança e falta de garantias básicas. As trabalhadoras, enfrentam diariamente adversidades no contexto do trabalho nas praias, começando principalmente pela falta de garantias trabalhistas, por estar alocadas em atividades não regulamentadas.

As condições de trabalho também são construídas pelas características das praias, como a extensão e profundidade da faixa de areia, bem como pelas condições climáticas, como o movimento das marés. As trabalhadoras se adaptam a essas condições para oferecer seus produtos e serviços as/aos banhistas, em dias que a maré está baixa, por exemplo, essas trabalhadoras precisam andar muitos metros, local que seria ocupado pela água vira uma grande jornada, para se ter acesso as/aos banhistas. Contudo, essas/es banhistas, nessa situação acabam sendo atendidos apenas pelos profissionais ambulantes, já que as barracas ficam muito distantes.

As trabalhadoras ambulantes enfrentam desafios físicos, como carregar e transportar seus produtos ao longo da praia, lidando com o sol, a areia e outros obstáculos. Muitas vezes, realizam suas atividades descalças, mesmo com a areia quente e a presença de objetos pontiagudos. A ergonomia é negligenciada, levando a lesões musculares e impactos na qualidade de vida das trabalhadoras.

Além disso, as trabalhadoras ambulantes também enfrentam desafios relacionados à exposição aos elementos naturais, como a radiação solar. Embora algumas usem roupas adequadas e protetor solar, muitas não se protegem

adequadamente, o que pode afetar sua saúde a longo prazo. A falta de equipamentos de proteção individual, como luvas e óculos, também é observada.

A organização do trabalho das mulheres ambulantes envolve jornadas diárias que começam cedo e se estendem até o final da tarde. Elas percorrem a praia, oferecendo seus produtos e interagindo com os banhistas durante todo o momento em que permanecem no local. Quando se trata de materiais alimentícios, como o queijo coalho assado, a prioridade é sempre finalizar a jornada de trabalho quando os produtos finalizam, essa estratégia tem como objetivo não perder a qualidade dos produtos.

A presença das mulheres no trabalho ambulante no litoral do subúrbio de Salvador reflete a realidade social e econômica da região. A maioria das trabalhadoras é composta por mulheres negras, pertencentes às camadas mais pobres da sociedade. A informalidade, muitas vezes acaba sendo a única opção de trabalho para essas mulheres, que enfrentam barreiras adicionais devido à interseção de gênero, raça e classe social.

Assim, podemos compreender que a precariedade do trabalho ambulante feminino é uma construção social que resulta das interações entre os diversos atores e sistemas sociais envolvidos. É produzida e reproduzida por meio das interações sociais, das relações de poder, das normas e das instituições presentes na sociedade. Ela é resultado de processos complexos de negociação, disputa e dominação que ocorrem em diferentes níveis, desde as relações interpessoais que essas trabalhadoras desempenham no cotidiano, com também de outras atrizes/atores humanos e não-humanos que impactam nas suas práticas profissionais.

Por isso é importante destacar o papel das desigualdades de gênero, raça e classe social, a falta de políticas públicas adequadas, a ausência de proteção social e trabalhista, a exploração econômica e a marginalização social. Afinal, como demonstram Tânia Franco et al. (2010), a precariedade do trabalho não é simplesmente uma consequência das condições naturais ou econômicas, mas sim uma resultante das práticas sociais, das representações simbólicas e das relações de poder que moldam o contexto em que o labor acontece, no campo-tema da presente pesquisa, no trabalho ambulante desempenhado por mulheres.

Nesse tocante, os discursos e as narrativas ocupam um lugar fundamental para a análise das precariedades. Afinal, vivemos num local que fomenta a política neoliberalista, onde as narrativas sobre o trabalho, valorizam a competitividade, a produtividade e o individualismo (Cardoso et al., 2021). Dessa forma podem influenciar as experiências e os sentidos das pessoas em relação ao trabalho, inclusive levar a naturalização da precariedade do trabalho, reforçando a ideia de que ela é inevitável ou até mesmo justificada.

Situação que mais chama a atenção na pesquisa, foi a naturalização das práticas de trabalho infantil no local pesquisado, é uma violação dos direitos dessas crianças e adolescentes que passam “despercebidas”, são “invisíveis” aos olhos dos transeuntes, atuação que é reforçada por essa política de “quem não trabalha vai virar vagabundo ou bandido”, que “é melhor trabalhar do que roubar” e até escancara as vulnerabilidades que devem estar passando no interior da relação familiar.

4 ENCERRANDO UMA ETAPA, INICIANDO UM DIÁLOGO

Descrever as práticas e condições de trabalho das mulheres trabalhadoras ambulantes no litoral do subúrbio de Salvador, Bahia, que nos permitiu compreender as especificidades da realidade vivida por essa população periférica em uma das

maiores cidades do país. Ao analisar as questões de gênero presentes nesse contexto, observamos como elas se somam às dificuldades sociais enfrentadas pela população da periferia, da classe baixa e de determinada raça.

Um dos aspectos relevantes identificados está relacionado à presença de pessoas de diferentes faixas etárias atuando nas praias do subúrbio, incluindo crianças, adolescentes e idosas/os. Essa constatação levanta a necessidade de investigações mais aprofundadas sobre a violação dos direitos das crianças e adolescentes nesse campo, visando a implementação de intervenções e medidas que minimizem as consequências negativas em seu desenvolvimento físico, cognitivo e social.

Notamos que as trabalhadoras ambulantes reproduzem os preceitos do contexto neoliberal em suas práticas, sobretudo no que diz respeito à ideia de individualidade e produtividade no trabalho. No litoral, os descansos são realizados de forma que não prejudique as vendas, exigindo que essas mulheres caminhem e façam chamamentos durante todo o horário em que realizam suas atividades sozinhas.

É preocupante constatar que os cuidados pessoais para proteção e minimização das consequências das condições climáticas e do trabalho não são uma prioridade na atuação das trabalhadoras ambulantes. Muitas delas permanecem descalças mesmo diante dos cascalhos e da areia quente, além de poucas utilizarem roupas com proteção UV, óculos e acessórios de proteção para a cabeça.

Ao considerarmos as informações descritas e discutidas neste artigo, devemos encará-las como um ponto de partida para novas pesquisas no campo-tema, bem como para a implementação de práticas interventivas e preventivas visando a melhoria na qualidade de vida das trabalhadoras e trabalhadores locais. As práticas e ações realizadas por esses profissionais não devem ser naturalizadas, pois contribuem para a manutenção das desigualdades e práticas sociais injustas.

É fundamental reconhecer e respeitar as pessoas que realizam atividades no litoral como trabalhadoras e trabalhadores. Elas não são apenas indivíduos buscando uma renda, atuando por conta própria ou por lazer. Seus trabalhos são igualmente relevantes para a sociedade e devem ser devidamente reconhecidos e valorizados.

Diante desse cenário, é importante destacar a necessidade de políticas e intervenções que abordem não apenas as condições de trabalho, mas também a saúde e o bem-estar das mulheres trabalhadoras ambulantes. A sobrecarga física e emocional, aliada à falta de cuidados pessoais e proteção adequada, pode ter impactos significativos em sua saúde. Portanto, medidas devem ser adotadas para garantir a segurança, a saúde e o bem-estar dessas trabalhadoras.

Também é essencial considerar a interseccionalidade das desigualdades presentes nesse contexto, levando em conta a classe social, a raça e outros fatores que podem agravar as condições de vida e trabalho das mulheres trabalhadoras ambulantes. As políticas e intervenções devem ser sensíveis a essas múltiplas dimensões de desigualdade, visando garantir uma abordagem inclusiva e equitativa.

Por fim, é preciso o reconhecimento e respeito pelo trabalho realizado pelas mulheres trabalhadoras ambulantes. Essas atividades desempenham um papel essencial na economia e na sociedade, e é fundamental que sejam valorizadas e tratadas com dignidade. Promover a conscientização e a valorização desses trabalhos contribui para a construção de uma sociedade mais justa, onde todas as formas de trabalho sejam reconhecidas e respeitadas.

REFERÊNCIAS

- Almeida, M. G., Carmo, L. A., & da Silva, S. R. R. (2013). O trabalho informal como alternativa no mundo de trabalho atual. *IV Seminário CETROS. Neodesenvolvimentismo, Trabalho e Questão Social*.
https://www.uece.br/eventos/seminariocetros/anais/trabalhos_completos/69-12758-08072013-174708.pdf
- Araújo, M. R. M. D., & Morais, K. R. S. D. (2017). Precarização do trabalho e o processo de derrocada do trabalhador. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 20(1), 1-13. Disponível em:
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1516-37172017000100001&script=sci_arttext
- Barcinski, M. (2014). O Lugar da Informalidade e do Imprevisto na Pesquisa Científica: Notas Epistemológicas, Metodológicas e Éticas para o Debate. *Revista Pesquisas E Práticas Psicossociais*, 9(2), 278–286. Disponível em:
http://www.seer.ufsj.edu.br/revista_ppp/article/view/935
- Berniell, I., Berniell, L., De la Mata, D., Edo, M., & Marchionni, M. (2021). Gender gaps in labor informality: The motherhood effect. *Journal of Development Economics*, 150, 102599. Disponível em:
<https://doi.org/10.1016/j.jdeveco.2020.102599>
- Brasil. (2023). *Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Lei Federal nº 8069 de 13 de julho de 1990* (Edição atualizada). CEDECA. Disponível em:
https://cedecarj.org.br/wp-content/uploads/2023/05/ECA2023_VersaoSite.pdf
- Camillis, P. K. D., Bussular, C. Z., & Antonello, C. S. (2016). A agência a partir da Teoria Ator-Rede: reflexões e contribuições para as pesquisas em administração. *Organizações & Sociedade*, 23, 73-91. Disponível em:
<https://doi.org/10.1590/S1679-39512009000100005>
- Cardoso, M. R., Demantova, A. G., Lara, G. V., Alves, J. C. D., Honorio, V. H. L., & de Aguiar Tannuri, Y. (2021). Sofrimento psíquico e trabalho em tempos de pandemia: uma intervenção clínica com educadores. *Estilos da Clínica*, 26(1), 44-57. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v26i1p44-57>
- Carneiro, G. S., Fortunato, L. D. S., Figueiredo, L. C. S., Corrêa, M. A., & Francisco, P. D. S. (2016). Trabalho Informal na Área Comercial do Município de Feira de Santana-BA. *Simpósio Cidades Médias e Pequenas da Bahia-ISSN 2358-5293*, 1(1). Disponível em: <http://anais.uesb.br/index.php/ascmpa/article/view/5641>
- Cavalcanti, M. F. R., & Alcadipani, R. (2013). Organizações como processos e Teoria Ator-Rede: a contribuição de John Law para os estudos organizacionais. *Cadernos Ebape. br*, 11, 556-568. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1679-39512013000400006>

- Carvalho, I., & Arantes, R. (2021). "Cada qual no seu quadrado" Segregação socioespacial e desigualdades raciais na Salvador contemporânea. *EURE (Santiago)*, 47(142), 49-72. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.7764/eure.47.142.03>
- Cordeiro, M. P. Lopes, F. T. P., Brigagão, J. I. M. & Rasesa, E. F. (Orgs.). (2023). *Diálogos sobre construcionismo social: entrevistas com Kenneth Gergen, Lupicinio Íñiguez-Rueda, Mary Jane Spink e Tomás Ibáñez*. CRV; IPUSP.
- Costa, M. D. S. (2010). Trabalho informal: um problema estrutural básico no entendimento das desigualdades na sociedade brasileira. *Caderno Crh*, 23, 171-190. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-49792010000100011>
- Coutinho, M. C., Furtado, O., & Raitz, T. R. (2015). *Psicologia Social e Trabalho: perspectivas críticas*. ABRAPSO; Edições do Bosque.
- Coutinho, Maria Chalfin; Bernardo, Marcia Hespanhol & Sato, Leny. (2018). *Psicologia Social do Trabalho*. Vozes.
- Cruz, C. D. S. da, & Santana-Filho, D. M. de. (2020). Racismo e direito à cidade: Uma análise sobre a Cidade de Salvador. *Opará: Etnicidades, Movimentos Sociais E Educação*, 8(12), e132010. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/opara/article/view/10749>
- Cunha, J. M. P. D., & Jakob, A. A. E. (2010). Segregação socioespacial e inserção no mercado de trabalho na Região Metropolitana de Campinas. *Revista brasileira de estudos de população*, 27, 115-139. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-30982010000100008>
- Ferreira, D. I. F., Assis, H. K. L., & Béhar, A. H. (2022). Informalidade, precarização e flexibilização: um retrato do trabalho dos entregadores por aplicativo no contexto pandêmico. *Revista Gestão Organizacional*, 15(3), 143-159. Disponível em: <https://doi.org/10.22277/rgo.v15i3.6931>
- Franco, T., Druck, G., & Seligmann-Silva, E. (2010). As novas relações de trabalho, o desgaste mental do trabalhador e os transtornos mentais no trabalho precarizado. *Revista brasileira de saúde ocupacional*, 35, 229-248. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0303-76572010000200006>
- Horwood, C., Hinton, R., Haskins, L., Luthuli, S., Mapumulo, S., & Rollins, N. (2021). 'I can no longer do my work like how I used to': a mixed methods longitudinal cohort study exploring how informal working mothers balance the requirements of livelihood and safe childcare in South Africa. *BMC Women's Health*, 21(1), 1-15. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s12905-021-01425-y>
- Horwood, C., Surie, A., Haskins, L., Luthuli, S., Hinton, R., Chowdhury, A., & Rollins, N. (2020). Attitudes and perceptions about breastfeeding among female and male informal workers in India and South Africa. *BMC public health*, 20(1), 1-12. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s12889-020-09013-9>

- Jesus, A. R. P. B. de., & Baiardi, A. (2022). Coastal environmental vulnerability face interventions of economic and social interest: the case of Todos os Santos Bay. *Research, Society and Development*, 11(10), e195111032577. Disponível em: <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i10.32577>
- Latour, B. (2012). *Reagregando o social: uma introdução à Teoria do Ator-Rede*. EDUFBA.
- Maiato, A. M., & Carvalho, F. A. H. (2020). Os estereótipos de gênero relacionados à dimensão profissional nas representações dos/as estudantes adolescentes. *Revista Thema*, 17(2), 509-523. Disponível em: <https://doi.org/10.15536/thema.V17.2020.509-523.1192>
- Nogueira, M. O., & Carvalho, S. S. D. (2021). *Trabalho precário e informalidade: desprecarizando suas relações conceituais e esquemas analíticos*. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - Brasília: Rio de Janeiro, Ipea. Disponível em: https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10948/1/td_2707.pdf
- Organização das Nações Unidas. (2015). *Transformando nosso mundo: a Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável*. ONU. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/pos2015/agenda2030/>
- Organização Internacional do Trabalho. (2018). *Women and men in the informal economy: A statistical picture* (3ª ed.). ILO. Disponível em: https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---dgreports/---dcomm/documents/publication/wcms_626831.pdf
- Perry, K.-K. Y. (2012). State violence and the ethnographic encounter: feminist research and racial embodiment. *African and Black Diaspora: An International Journal*, 5(1), 135–154. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/17528631.2011.629440>
- Perry, K. K. Y. (2005). Social memory and black resistance: Black women and neighborhood struggles in Salvador, Bahia, Brazil. *The Latin Americanist*, 49(1), 7-38. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1557-203X.2005.tb00063.x>
- Predebon, K. M., Mathias, T. A. D. F., Aidar, T., & Rodrigues, A. L. (2010). Desigualdade sócio-espacial expressa por indicadores do Sistema de Informações sobre Nascidos Vivos (SINASC). *Cadernos de Saúde Pública*, 26, 1583-1594. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2010000800012>
- Rasera, E. F., & Japur, M. (2005). Os sentidos da construção social: o convite construcionista para a psicologia. *Paidéia* (Ribeirão Preto), 15, 21-29. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2005000100005>
- Santos, V. (2013). *O sincretismo na culinária afro-baiana: o acarajé das filhas de Iansã e das filhas de Jesus*. [Dissertação de mestrado] - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Salvador. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/12689>

- Sato, L. (1991). *Abordagem psicossocial do trabalho penoso: estudo de caso de motoristas de ônibus urbano*. [Dissertação de Mestrado], Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Sato, L. (2013). Recuperando o tempo perdido: a psicologia e o trabalho não regulado. *Cadernos De Psicologia Social Do Trabalho*, 16(spe1), 99-110. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1981-0490.v16ispe1p99-110>
- Schmieder, J. (2021). Fertility as a driver of maternal employment. *Labour Economics*, 72, 102048. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.labeco.2021.102048>
- Silva, C. A. D., Fialho, J., & Saragoça, J. (2013). Análise de redes sociais e sociologia da acção. Pressupostos teórico-metodológicos. *Revista Angolana de Sociologia*, (11), 91-106. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/ras.361>
- Silva, P. M. F. D. (2019). *Nas ruas do labor: configuração do processo de trabalho de pessoas em situação de rua em Recife-Brasil*. [Tese de Doutorado]. Universidade Federal de Pernambuco, Recife. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/38919>
- Silva, P. M. F. D. (2020). Entre calles y trabajos: trabajos de personas en situación de calle en Recife-Brasil. *Revista Colombiana de Sociología*, 43(2), 67-89. Disponível em: <https://doi.org/10.15446/rsc.v43n2.82904>
- Soares, A. M. D. C. (2006). "Territorialização" E Pobreza Em Salvador–Ba. Estudos Geográficos: *Revista Eletrônica de Geografia*, 4(2), 17-30. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/estgeo/article/view/202>
- Souza, L. (2021). Os contornos da pejetização: apontamentos e trajetórias de uma vertente da precarização do trabalho. *Manduarisawa*, 5(1), 105-122. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/manduarisawa/article/view/9079>
- Spink, M. J. P. (2007). Pesquisando no cotidiano: recuperando memórias de pesquisa em Psicologia Social. *Psicologia & Sociedade*, 19, 7-14. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822007000100002>
- Spink, M. J. (2010). *Linguagem e produção de sentidos no cotidiano*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais.
- Spink, M. J. P. (2017). *Psicologia social e saúde: Prática, saberes e sentidos*. Editora Vozes Limitada.
- Spink, M. J., Brigagão, J. I. M., Nascimento, V. L. V., & Cordeiro, M. P. (2014). *A produção de informação na pesquisa social: compartilhando ferramentas*. Rio de Janeiro, Centro Edelstein de Pesquisas Sociais.

- Spink, P. K. (2003). Pesquisa de campo em psicologia social: uma perspectiva pós-construcionista. *Psicologia & Sociedade*, 15, 18-42. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822003000200003>
- Spink, P. K. (2008). O pesquisador conversador no cotidiano. *Psicologia & Sociedade*, 20, 70-77. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-71822008000400010>
- Spink, P. K. (2009). Micro cadeias produtivas e a nanoeconomia: repensando o trabalho decente. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho*, 12(2), 227-241. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1981-0490.v12i2p227-241>
- Tavares, M. A. (2015). O trabalho informal e sua suposta autonomia: uma modalidade flexível de exploração. *Revista direitos, trabalho e política social*, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 39–58, 2015. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rdtps/article/view/8739>
- Trindade, N. S., & Covre-Sussai, M. (2019). A transgeracionalidade do papel de gênero e a condição feminina entre mãe e filha: reflexões sobre o trabalho doméstico não remunerado. *Plural: Revista de Ciências Sociais*, 26(1), 46-78. Disponível em: <https://doi.org/10.7440/res64.2018.03>
- Tureta, C., & Alcadipani, R. (2009). O objeto objeto na análise organizacional: a teoria ator-rede como método de análise da participação dos não-humanos no processo organizativo. *Cadernos Ebape. br*, 7, 50-70. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1679-39512009000100005>
- Zancan, C., dos Santos, P. D. C. F., & Campos, V. O. (2012). As contribuições teóricas da Análise de Redes Sociais (ARS) aos estudos organizacionais. *Revista Alcance*, 19(1 (Jan-Mar)), 62-82. Disponível em: <https://periodicos.univali.br/index.php/ra/article/view/2166>

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.